

Espaço-tempo e poder-saber

Uma nova *epistème*? (Foucault e Bachelard)

ELYANA BARBOSA

RESUMO: Esta comunicação objetiva interrogar se as transformações ocorridas na Física (a Teoria da Relatividade de Einstein e a Mecânica Ondulatória - a Microfísica) conduziram o saber (a ciência e a filosofia) a um novo olhar sobre o mundo: a contemporaneidade. A questão central deste trabalho é mostrar a relação entre o comportamento dos elementos infinitesimais, objeto da Mecânica Ondulatória, e a nova concepção sobre o *poder* em Foucault. A partir dessa relação, permanece a indagação sobre as transformações ocorridas no campo do saber e se elas, conjuntamente, conduziram a uma nova *epistème*.

UNITERMOS:
relativização,
microfísica,
poder,
a revolução
einsteiniana,
verificação,
Foucault,
Bachelard.

O objetivo desta comunicação é indagar se a concepção de tempo da relatividade einsteiniana e o comportamento dos elementos infinitesimais (a Microfísica) conduziram o saber para uma nova *epistème*. Trataremos de Bachelard como um “instaurador de discursividade”, ou, melhor dizendo, procuraremos apontar um certo número de analogias entre o pensamento de Bachelard e o de Foucault; mostrar como Bachelard abriu espaço para outras análises. Partilhando dos mesmos pressupostos, do mesmo instrumental de análise, do mesmo discurso, encontramos: A. Koyré, G. Canguilhem, L. Althusser, M. Foucault, P. Bourdieu e G. Deleuze.

Seguindo uma regra foucaultiana: “Trata-se de retirar do sujeito (ou do seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso” (Foucault, 1969, p. 70). Não importa *quem fala*, o importante é perguntar “como é que um saber se constituiu”.

Bachelard, diante das revoluções científicas do começo do século (Teoria da Relatividade, de Einstein e Mecânica Ondulatória, de Louis de

Professora de UCSAL
e da FAFI-UFBA

Brooglie), percebe que elas trouxeram para o campo do saber, novidades que modificaram completamente a história do pensamento ocidental. Como consequência destas revoluções, o saber passou por transformações significativas, e, como fundamento destas transformações, está principalmente a concepção de *tempo* da relatividade.

Canguilhem segue a orientação de Bachelard, “mas concentrando-se nas ciências da vida e deixando de lado a Física”, como afirma Eribon. Conforme esse biógrafo, “Foucault, em seu texto de 1977, demonstra, que faz parte dessa linhagem de filósofos encarnada por Bachelard, Cavailles, Koyré, que se opõe, fundamentalmente e desde sempre, à linhagem adversa da filosofia da experiência encarnada por Sartre e Merleau-Ponty, pelos existencialistas e fenomenologistas” (Eribon, 1990). Hoje, já distanciados da década de 60, com toda essa discussão sobre a Crise de Paradigmas na Sociologia, com uma Antropologia que se denomina “pós-moderna”, com a discussão sobre a Modernidade e a Pós-modernidade em Filosofia instaurada por Habermas no “Discurso Filosófico da Modernidade” (1985), é possível percebermos por que Foucault foi tão mal interpretado e tão mal compreendido na sua metodologia histórica - a questão da descontinuidade - e no seu conceito de *epistême*.

A História das ciências aponta, no seu desenvolvimento, para uma certa autonomia, remetendo para um campo de pensamento, na medida em que cada época mostra o que se pode e o que não se pode pensar. Toda ciência se desenvolve no âmbito de uma *epistême*, e isto leva Foucault a pensar num *a priori* histórico no mesmo sentido do *a priori* kantiano, independente da experiência, ou seja, um campo de pensamento autônomo. Tanto Bachelard como Foucault mostram como o pensamento, na sua relação com a verdade, tem também uma história. Uma história do pensamento enquanto pensamento da verdade, verdade como processo de objetivação. Objetivação significa problematização, e isso não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem criações através de um discurso de objetos que não existem. Problematização significa dizer: “o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que aparecem num ‘jogo do verdadeiro e do falso’ e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de uma reflexão moral, do conhecimento científico, de análise política, etc.)” (Foucault, 1984).

M. Foucault é um pensador fortemente influenciado pelo “novo espírito científico”; percebe que é no campo da Microfísica que acontecem as maiores novidades - Bachelard afirma que “é no domínio da microfísica onde se forma o novo espírito científico” (1934, p. 66)

É preciso destacar que as mudanças, as revoluções, não são tão bruscas; às vezes, são necessários alguns séculos para que o homem possa substituir o quadro de referências do seu pensamento (cf. Koyré, 1957, p. 13).

Do mesmo modo que o século XVII sofreu, e realizou, uma radical revolução espiritual, o pensamento contemporâneo, o século XX, está a indicar esta transformação. As análises efetuadas por Koyré para mostrar ser im-

possível separar o aspecto filosófico do científico nos processos de transformação (os “saberes” se mostram interdependentes e estreitamente unidos) nos levam a perceber esta mesma relação no pensamento contemporâneo e a poder apontar para uma nova concepção de poder, na medida em que há um novo *campo epistêmico* que possibilita o estabelecimento desta relação.

Koyré, ao mostrar como o século XVII provocou a destruição do Cosmos (mudança no quadro de referências do pensamento), aponta “o desaparecimento dos conceitos válidos, filosófica e cientificamente, da concepção do mundo como um todo finito, fechado e ordenado hierarquicamente e a sua substituição por um universo indefinido e até mesmo infinito, que é mantido coeso pela identidade de seus componentes e leis fundamentais, e no qual todos esses componentes são colocados no mesmo nível de ser” (Koyré, 1957, p. 14). Esta mesma idéia está em Foucault, ao falar de uma *epistême*, mostrando uma relação entre os saberes: “Em uma cultura e em dado momento, só existe uma *epistême*, que define as condições de possibilidade de todo saber” (Foucault, 1966, p. 179). A *epistême* remete a um quadro referencial de pensamento, como aponta Koyré, ou seja, há um *campo de pensamento* que mostra como os saberes estão relacionados, por mais diferentes e diversificados que pareçam ser. Para Foucault, a *epistême* de uma época não é a “soma de seus conhecimentos”, mas indica o “afastamento, as distâncias, as oposições, as diferenças, as relações de seus múltiplos discursos científicos” (Foucault, 1972, p. 60). Este campo “indefinidamente descritível de relações”, este *campo de saber possível* de uma dada época, possibilita apontar para a relação entre a concepção da Microfísica e a nova abordagem sobre o poder realizada por Foucault.

As análises sobre o poder, de um modo geral, apontam o Estado como o *locus* onde estas podem ser efetuadas. Foucault rompe com esta perspectiva analítica e vai mostrar como o poder é constituído historicamente. Para isso, trabalha alguns conceitos, principalmente apontando descontinuidades e mostrando como a história das ciências é, essencialmente, “a história das ligações racionais do saber”. Por isso, mesmo se desenvolvendo dentro de uma *epistême*, as ciências não fazem parte da grande história, mas são tipos de histórias que, através da análise de suas práticas, levam-nos a perceber mudanças e transformações - que caracterizam os diferentes discursos (a história das Matemáticas não obedece ao mesmo modelo da história da Biologia, da Física, da Química, etc). Para Foucault, a *epistême* não é um estágio geral da razão, é uma “relação complexa de decolagens sucessivas” (Foucault, 1972, p. 61).

O objetivo deste trabalho é mostrar como Foucault chega à idéia de uma *microfísica do poder*, e, conseqüentemente, como a contemporaneidade é formada por signos diferentes dos vigentes nos séculos XVII, XVIII e XIX, tentando responder a indagação inicial, o pensamento contemporâneo inicia uma nova *epistême*?

Foucault, em *As palavras e as coisas* mostra como há uma relação

entre as palavras, as coisas e a sua ordem (1966, p. 147) apontando para um *campo de pensamento* onde é possível perceber esta relação. Ao falar da representação do signo na época clássica, ele mostra como a metade do século XVII foi marcada por uma mudança nos signos: “O signo só surge a partir do momento em que é conhecida a possibilidade de uma relação de substituição entre dois elementos já conhecidos” (Foucault, 1966, p. 87)

Para Foucault, *o campo epistemológico* indica a relação entre os saberes - a Economia, a Biologia, a Filosofia possuem uma identidade: todos se relacionam em um único campo. O pensamento contemporâneo começa a esboçar essa *identidade* referida por Foucault, na medida em que surge uma nova concepção de tempo.

O primeiro pensador a utilizar a metodologia da *descontinuidade* é Bachelard. Ao analisar a história da ciência Física, ele percebe que, entre os Paradigmas de Galileu, Newton e Einstein, não há passagem; são momentos descontínuos. Entretanto essa percepção só é possível através da análise dos discursos científicos, dos significados dos conceitos pela sua atualidade, dentro de um determinado momento histórico, numa idéia completamente nova de história, uma história que nunca se esgota, uma história sempre refletida, sempre recomeçada, sempre reescrita (Bachelard, 1951, p. 146). Koyré fala dessa mesma idéia, quando diz que “O historiador projeta na história os interesses e a escala de valores de seu tempo: e, a partir das idéias de seu tempo - e das suas próprias -, empreende sua reconstrução. Justamente por isso é que a história se renova, e por isso nada muda tão depressa como o imutável passado” (Koyré, 1973, p. 379).

Gaston Bachelard faz referência às modificações conceituais ocorridas com a fusão espaço-tempo e mostra como tudo está contra esta idéia - a imaginação, os sentidos, as representações: “só vivemos o tempo esquecendo o espaço, só entendemos o espaço suspendendo o curso do tempo, mas a fusão espaço-tempo é uma relação total...” (Bachelard, 1929, p. 99)

A substituição da idéia de um espaço absoluto pela fusão espaço-tempo vai permitir a Foucault pensar no poder-saber, fora de um *locus*. É esta idéia que está presente na Genealogia. Deleuze chama a atenção para essa nova abordagem sobre o poder quando ao interpretar *Vigiar e punir*, examina a visão do poder no século XVIII. O *locus* leva a se conceber um “‘repartir no espaço’ (o que se traduz como enclausurar, esquadrihar, arrumar, pôr em série...), um ordenar no tempo (subdividir o tempo, programar o ato, decompor o gesto), um compor no espaço-tempo (todas as maneiras de constituir uma força produtiva cujo efeito deve ser superior ao somatório das forças elementares que o compõem)” (Deleuze, 1992, p. 100)

A perda do *locus* que aparece na nova concepção de tempo-espaço, conduz à possibilidade de se pensar no poder-saber como relacionamento de forças, como mobilizador de matérias e funções não estratificadas. Agora é possível pensar no poder como relacionamentos que não emanam de um ponto central, mas como um “campo de forças” e, por isso, não é “localizável”. A

sua capacidade de se mobilizar “de um ponto a outro, num campo de forças, marcando inflexões, recuos, retornos, rodopios, mudanças de direção, resistências” (Deleuze, 1992, p. 103), permite pensar a questão do poder a partir de uma nova racionalidade.

Para argumentar logicamente e fundamentar as afirmações precedentes, é preciso seguirmos uma linha de raciocínio que poderá nos levar a aceitar a afirmação de que a periodização da história geral proposta por Foucault delimita conjuntos sincrônicos, reunindo os saberes na figura de sistemas unitários (cf. Foucault, 1987, p. 196). Perceber que existe relação entre as diferentes séries, leva-nos a identificar certos valores que, em determinado momento histórico, tornam-se obstáculos para a aceitação de uma idéia nova e, em outros, até permitem que idéias diferentes apareçam. Vamos trabalhar a noção de determinismo e de indeterminismo na Física, seguindo os passos de Bachelard. Para falar no determinismo, precisamos retomar a história da Astronomia. A Matemática astronômica conduz a geometria e o número a se associarem estreitamente ao pensamento experimental. Mais recentemente, a astronomia newtoniana passa a conferir rigor às idéias kantianas das formas *a priori* de espaço e de tempo. Idéias relacionadas são impedimento para o surgimento de outras, e, por isso, que só tardiamente - 1926 - aparece a idéia de indeterminismo. O determinismo, ligado ao pensamento astronômico, mostra o caráter do fenômeno como a forma *a priori* do conhecimento objetivo. Isso, de uma certa maneira, esconde os problemas relativos às perturbações, aos erros, às incertezas no estudo dos fenômenos físicos (cf. Bachelard, 1934, p. 94). Pensar o determinismo impediu, por muito tempo, que fossem admitidas certas idéias presentes no indeterminismo. Segundo Bachelard, o determinismo é uma conseqüência da simplicidade da geometrização. O sentimento do *determinado*, é o sentimento da ordem fundamental, o repouso que leva a acreditar na simetria, na segurança do saber. Só quando se percebe que o determinismo é derivado do esforço para racionalizar o real é que se abre um espaço para a idéia de *deformação* e de *perturbação*. Quando surge a teoria da relatividade, mostrando que o tempo é inseparável do espaço, passa-se a contrariar a idéia, presente no determinismo físico, de que afirmar o estado do universo num dado momento determina completamente sua evolução posterior. As três dimensões do espaço-tempo mostram que falar no estado do universo num dado instante não tem, portanto, um sentido absoluto, possibilitando, com isso, o aparecimento da idéia de indeterminado.

Bachelard considera a revolução einsteiniana mais significativa que a revolução copernicana, operada pela filosofia kantiana. Para ele, a partir desta nova concepção de tempo, a ciência inaugura um verdadeiro “abalamento nos conceitos”. Agora, a Terra, o Mundo, as coisas se prendem a outra estrutura, e se inicia uma explicação sobre bases novas. Os conceitos que provocam uma verdadeira transmutação dos valores racionais são: *o espaço absoluto, o tempo absoluto, a velocidade absoluta*. O universo da espacialidade une três

séculos de pensamentos racionais. Uma só experiência do século XX “transformou” os três séculos de pensamentos racionais. A relatividade permitiu que se pudesse pensar na experiência e na filosofia da teoria física (que rompe com a racionalidade vigente) como fortemente justapostas. A possibilidade de pensar a experiência e a racionalidade como coisas justapostas acaba o dilema presente na idéia de espaço absoluto - pensar *ou* através de uma realidade absoluta, *ou* sobre uma intuição absoluta à maneira kantiana. Para Bachelard, ter que pensar o absoluto através de uma *realidade* ou de uma *intuição a priori* é algo estranho. Experiência e razão não podem se excluir. A relatividade permite uma filosofia que é, ao mesmo tempo, experimental e racional. Bachelard afirma que o criticismo relativista é mais revolucionário, mais genial que o criticismo kantiano. E cita uma declaração de Einstein: “a *posição* do espaço absoluto leva à afirmação de uma espécie de materialização, de imobilidade que está enraizada em um sujeito incondicionado no centro de todas as relações condicionantes, eis aí uma *posição* sem provas. É preciso - revolução copernicana ao nível de um único conceito - formular a relatividade essencial da intuição de localização e da experiência de localização, o que destrói, de uma só vez, dois absolutos: 1) a intuição de um observador não tem uma virtude absoluta; 2) a extensão de um mundo objetivo não possui uma virtude absoluta” (Bachelard, 1957, p. 124).

As novas intuições do tempo exigem uma longa preparação. Elas devem lutar contra a clareza cega das intuições comuns, contra o criticismo kantiano. A relatividade coloca em dúvida o caráter absoluto da noção de simultaneidade. Isto provoca um *choque* nos filósofos racionalistas e nas filosofias realistas. A relatividade permite assumir o pensamento científico moderno, substituindo a afirmação de Schopenhauer “o mundo é minha representação” por “o mundo é minha verificação” (Bachelard, 1957, p. 126)

A mudança da *representação* pela *verificação* opera uma transformação radical. O que está em jogo são séculos de racionalismo ou realismo em cujo pensamento o conceito de espaço e tempo estão enraizados. Espaço e tempo fazem parte da realidade ou do entendimento. Não há real (res) que não esteja situado. Situação e localização são idéias enraizadas no pensamento ocidental - como diz Bachelard, obstáculos epistemológicos que é preciso ultrapassar para compreender o *novo espírito científico*.

Do mesmo modo que a intuição do espaço é uma condição *sine qua non* da experiência do mundo exterior, o tempo é a forma *a priori* da sensibilidade interna para os kantianos. No mesmo estilo filosófico, se se quer julgar o funcionamento da noção espaço-tempo na ciência relativista é preciso operar uma transformação e mostrar como “o complexo algébrico espaço-tempo” é uma condição *sine qua non* da validade geral dos conhecimentos eletromagnéticos (Bachelard, 1957, p. 128).

A verificação substitui a representação. As teorias de Einstein foram construídas antes dos experimentos empíricos. As coisas possuem um movimento próprio. Pensar os discursos, num campo epistemológico que pos-

sui uma temporalidade diferente da temporalidade da experiência, leva a perceber a relação entre as palavras, as coisas e a sua ordem. O mundo como verificação, ao contrário do mundo como representação, considera os aspectos não-conscientes refletidos na linguagem. Como diz Foucault, “o papel do conceito de significação é mostrar como uma linguagem, mesmo que não se trate de um discurso explícito, e mesmo que não se desenrole para uma consciência, pode, em geral, ser dada à representação” (Foucault, 1966, p. 470). Esta idéia de representação das coisas, que se explicita através das normas, das leis, das proibições, dos interditos, que se refere a um conjunto de significantes, é diferente da idéia de representação kantiana, por isso não importa o autor do discurso, mas o que ele diz - aqui há uma inversão total, pois, nesta idéia, o sujeito, autor do discurso, desaparece, não é a interpretação do autor que está em jogo; mas sim, a possibilidade de perceber como, em determinados momentos históricos, há um *campo epistemológico*, uma *epistème*, como diria Foucault, onde é possível perceber uma certa relação entre os saberes, por mais diversificados que sejam. É possível, então, perceber tipos diferentes de transformação. Ao falar em duas medidas de tempo, Foucault se refere a uma historicidade própria das coisas e uma outra temporalidade que diz respeito às ligações racionais, através das quais o homem se apropria desta historicidade. Ao chamar a atenção para uma fugacidade, própria dos fenômenos, quer naturais, quer sociais, Foucault se reporta ainda a outra temporalidade, a do *tempo suspenso*, que constitui uma normatividade de certos pensamentos racionais e implica, também, em uma mudança de configuração¹.

A relação entre os signos, a *epistème* que aparece com a teoria da relatividade, reclama uma nova racionalidade. A relatividade não pode aparecer fechada dentro de um sistema filosófico, como o sistema cartesiano, ou mesmo o hegeliano. A perspectiva relativista exige uma conversão de valores, pois ele contraria os ensinamentos ligados à experiência dos sentidos, à tradição. A eficiência funcional da teoria da relatividade força a um rompimento com as idéias de evolução e cumulatividade presentes nos sistemas vigentes.

Pensar a relação entre os signos da relatividade einsteiniana permite compreender a contemporaneidade. A questão que se coloca, no momento presente, não é mais onde está o real, mas “Em que direção e por qual organização de pensamento, podemos ter a segurança de que nos aproximamos do real”? (Bachelard, 1929, p. 203). A relatividade evidencia que existe uma retificação de idéias e que esta retificação nem sempre é cumulativa, podendo dar-se por rupturas².

Do mesmo modo que tempo-espço estão relacionados, poder-saber possuem a mesma relação. O campo eletromagnético é inteiramente autônomo, não representa mais estados mínimos. É constituído de realidades independentes que não podem ser reduzidas a nenhuma outra e não estão ligadas a nenhum substrato (cf. Bachelard, 1929, p. 217). Na microfísica do poder, o campo de validade não pode reduzir-se a quem restringe, a quem proíbe ou a quem obriga, como se fosse uma propriedade, passando a ser encarado por

¹ Fougeyroullas (1993) aponta quatro temporalidades-des sociais, ora super-postas, ora entrecruzadas - o que vai implicar uma pluralidade de identidades que assume, muitas vezes, a forma de uma crise cultural. Este caráter plural de extrema complexidade impossibilita a sua explicação através de um Sistema.

² Estas idéias foram aplicadas às ciências sociais por P. Bourdieu.

Foucault como estratégias, disposições, manobras, táticas, técnicas de funcionamento (Foucault, 1975, p. 31). O poder passa por relações, está nas relações, “O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações de Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir, ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos componentes, a forma geral da lei ou do governo” (1975, p. 148). Com isso, Foucault pretende ressaltar que “Não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem de saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (Foucault, 1975, p. 32).

Diz Foucault: “analisar a microfísica do poder supõe, então, que se renuncie - no que se refere ao poder - a oposição violência-ideologia, a metáfora de propriedade, ao modelo do contrato ou da conquista; no que se refere ao saber, que se renuncie à oposição do que é ‘interessado’ e ‘desinteressado’, ao modelo do conhecimento e ao primado do sujeito” (1975, p. 30).

Alguns postulados ainda ligados à *epistême* passada levam a pensar o poder como: “Postulado de propriedade - o poder seria propriedade de uma classe que o teria conquistado; Postulado de localização - o poder seria poder de Estado; Postulado de subordinação - o poder encarnado no aparelho de Estado seria subordinado a um modo de produção, a uma infra-estrutura” (Deleuze, 1992, p. 46 ss.). Ora, pensar uma microfísica do poder é romper com esses postulados, é pensar o poder a partir de uma nova concepção, e isto é realizado por Foucault na sua Genealogia. É possível pensar o poder como estratégia, fora de um *locus*, de uma situação. Esta nova perspectiva passa a ter uma função, pois acompanha a mudança na *epistême*, que ocorre com uma nova concepção de tempo-espaço e com o comportamento dos elementos infinitesimais da Microfísica.

Deleuze mostra que, em Foucault, o poder não tem essência, o poder é operatório. Ele não é atributo, mas relacionamento: “a relação de poder é o conjunto dos relacionamentos de forças, conjunto que não passa menos pelas forças dominadas que pelas dominantes, umas e outras constituindo singularidades” (Deleuze, 1992).

As idéias de tempo e espaço absolutos vigentes nos séculos XVIII e XIX formavam o campo epistêmico onde se assentavam grande parte dos postulados, presentes também na Teoria Marxista e na Fenomenologia, impedindo, portanto, uma outra perspectiva. O quadro metodológico em que estas teorias se fundamentam - uma que remete ao sujeito constituinte, outra que remete ao econômico em última instância constitui obstáculo para uma análise dos discursos, nos quais o sujeito, como protagonista do movimento, desaparece. Estamos agora diante de uma outra temporalidade, que se movimenta independente do tempo vivido, ou seja, a história das ligações racionais do saber tem uma temporalidade própria (Foucault, 1977, p. 7).

A idéia de uma “microfísica do poder” aponta para a irredutibilidade do micro na medida em que essa análise não pretende problematizar nem os grandes conjuntos, nem os grandes homens (cf. Deleuze, 1992, p. 104).

Recebido para publicação em abril/1995

BARBOSA, Eliana. Space-time and power-knowledge: A new *epistème*? (Foucault and Bachelard). **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 111-120, October 1995.

ABSTRACT: This paper purports to discuss whether the transformations which occurred in Physics (Einstein's Theory of Relativity and Wave Mechanics - Microphysics) have lead knowledge (Science and Philosophy) to acquire a new way of considering the world: contemporaneity. The central issue proposed is to show the relationship between the behaviour of infinitesimal elements, which are the object of Wave Mechanics, and the new concept of *power* in Foucault. This relation being established, the paper moves on to inquire as to the transformations which have taken place in the field of knowledge and if such transformations have jointly lead us to a new *epistème*.

UNITERMS:
relativization,
microphysics,
power,
the Einsteinian
revolution,
verification,
Foucault,
Bachelard.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. (1929) *La valeur inductive de la relativité*. Paris, Vrin.
- _____. (1934) *Le nouvel esprit scientifique*. Paris, PUF. 1975.
- _____. (1951) L'Actualité de l'histoire des sciences. In: _____. *L'engagement rationaliste*. Paris, PUF. p. 137 - 146.
- _____. (1957) La Dialectique philosophique des notions de la relativité. In: _____. *L'engagement rationaliste*. Paris, PUF. p. 120 - 136.
- BARBOSA, E. (1993) *Gaston Bachelard. O arauto da pós-modernidade*. Salvador, Ed. Universitária-Americana.
- _____. (1993) Epistemologias e práticas científicas. *Caderno CRH*, Salvador, 19.
- DELEUZE, G. (1992) *Foucault*. Lisboa, Ed. Vegas.
- ERIBON, D. (1990) *Michel Foucault*. São Paulo, Companhia das Letras.
- FOUCAULT, M. (1966) *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris, Gallimard.
- _____. (1969) *O que é um autor?* Lisboa, Vegas.
- _____. (1972) Resposta a uma questão. *Epistemologia*, nº 28, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- _____. (1975) *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris, Gallimard.
- _____. (1977) Verdade e Poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.

_____. (1984) Le souci de la vérité. *Le Magazine Littéraire*, Paris, n° 207, maio.

_____. (1987) *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense- Universitária.

FOUGEYROULLAS, P. (1993) O tempo histórico das revoluções e a modernidade. In: _____. *A História à deriva (um balanço de fim de século)*. Salvador, Ed. UFBA.

KOYRÉ, A. (1973) *Études d'Histoire de la pensée scientifique*. Paris. Gallimard.

_____. (1957) *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro, Forense, 1986.